

Dulcinara Rezende Anastácio

INTERVENÇÃO URBANA NO PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA:
uma proposta de estudo *Forma Cor*

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes

Belo Horizonte

2013

Dulcinara Rezende Anastácio

INTERVENÇÃO URBANA NO PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA:
uma proposta de estudo *Forma Cor*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Curso: Licenciatura em Artes Visuais
Orientadora: Profa. Patrícia de Paula Pereira

Belo Horizonte
2013

Dedico à minha família, parentes e amigos.
Ao meu namorado João Felipe.
A todos da Escola Municipal Aurélio Pires.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar durante essa caminhada.

Aos meus pais Adilson e Dulcilene e minha irmã Leonara, pelo apoio, incentivo e dedicação a mim prestados.

A minha professora orientadora Patrícia de Paula, pelo apoio e orientação.

Aos professores de Arte que tive durante todo o meu período escolar, que me fizeram acreditar e perseguir o meu ideal e ter cada vez mais certeza do caminho que escolhi seguir.

Aos meus parentes e amigos e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

Aos alunos, professores, monitores e funcionários da Escola Municipal Aurélio Pires, que contribuíram para minha formação e que tiveram participação importante em minhas decisões e conquistas nesse período de graduação.

Grandes coisas não se fazem por impulso, mas pela junção de uma série de pequenas coisas.

Vincent Van Gogh

ÍNDICE

Introdução	10
PRIMEIRO CAPÍTULO: Programa Escola Integrada: relatos de Experiência.....	11
Sobre o Programa.....	11
Escola Municipal Aurélio Pires e o programa.....	13
Monitoria: oficina de Intervenção Urbana.....	15
SEGUNDO CAPÍTULO: Material Didático: Forma Cor.....	24
Pré-concepção.....	24
Estrela Cromática.....	25
Livrinho interativo.....	28
Piorra.....	30
Fichas de sobreposição.....	32
Quebra-cabeça	32
Relação com formas geométricas.....	33
Idealização.....	34
Proposta de cada objeto do material didático.....	35
Possíveis desdobramentos.....	37
TERCEIRO CAPÍTULO: Experimentação do material didático.....	38
1 ^a experimentação.....	39
2 ^a experimentação.....	43
Considerações Finais.....	48
Referências.....	49

LISTA DE IMAGENS

PRIMEIRO CAPÍTULO

1 - Intervenção urbana. Disponível em:

<http://tudibao.com.br/2010/06/intervencao-urbana-para-divulgar-king-kong-3d.html>.

Acesso em: 29-01-2013

2 - Alguns trabalhos de pintura em muros e postes. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

3 - Trabalhos desenvolvidos explorando novas possibilidades. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

SEGUNDO CAPÍTULO

1 - Estrela Cromática esquemática. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

2 - Estrela Cromática aberta finalizada. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

3 - Estrela finalizada- fechada e entre aberta. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

4 - Livro Branca de Neve e os sete anões. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

5 - Capa e página do livro Flicts. Disponíveis em:

<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.ziraldo.com/livros/flicts.jpg&imgrefurl=http://www.ziraldo.com/livros/flicts.htm&h=300&w=233&sz=8&tbnid=faANcEMFz0z9mM:&tbnh=103&tbnw=80&prev=/search%3Fq%3Dlivro%2Bflicts%26tbo%3Disch%26tbo%3Du&zoom=1&q=livro+flicts&usg=XwMf16jnmHY0UGddcqQSktR9Lv&=docid=G78Pv9TD3-leIM&hl=pt-PT&sa=X&ei=9cAKUe6YNuyx0AHl5YGoDA&ved=0CE0Q9QEwAg&dur=1088> e
<http://www.slideshare.net/laraCrissiumal/ziraldo-flicts-ilustrado>

Acesso em: 31-01-2013

6 - Livrinho fechado e semi aberto. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

7 - Disco com duas cores primárias. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

8 - Piorra finalizada. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

9 - Fichas Translúcidas. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

10 - Quebra-cabeça esquemático e finalizado. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

11 - Trabalho de do artista Escher. Disponível em:

<artefontedeconhecimento.blogspot.com> Acesso em: 01-02-2013.

12 - Caixa/ estrela aberta e fechada. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

13 - Capa esquemática do livro. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

14 – Piorra. Disponível em:

<<http://aolibamabrinquedos.blogspot.com.br/2011/06/brinquedos-antigos-um-dos-objetivos-do.html>>

Acesso em: 27-12-12

TERCEIRO CAPÍTULO

1 - Início da manipulação. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

2 - Exercícios construídos a partir da manipulação. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

3 - Alunos manipulando o quebra-cabeça. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

4 - Alunos utilização as fichas de sobreposição. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

5 - Alunos utilizando o material. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

6 - Alunos utilizando as fichas de sobreposição. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

7 - Manipulação do livro. Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

8 - Mistura de tinta com as mãos. Autoria da imagem: Dulcinara

RESUMO

A pesquisa teve como principal objetivo o diálogo entre universidade, disciplinas práticas e teóricas, e o campo de atuação do licenciado em Artes Visuais. Discutindo a relação entre universidade e escola. Foi desenvolvido a partir de relatos de experiências e da deficiência encontrada na Escola Municipal Aurélio Pires em que atuei por três anos frente à oficina de Intervenção Urbana, em relação à formação de cor. A partir de então dando inicio em disciplinas da Licenciatura à produção do material didático, baseado nas vivências e observações que tive no Programa Escola Integrada e posterior experimentação com os próprios alunos da oficina. Optei por propor as experimentações do material enquanto ele ainda estava em processo, e a partir das mesmas e da catalogação que fiz irei aperfeiçoá-lo.

Palavras-chave: Intervenção; formação de cor; Artes Visuais.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou traçar um paralelo entre as experiências vividas por mim no Programa Escola Integrada frente à oficina de Intervenção Urbana e a elaboração e experimentação do material didático que produzi nas disciplinas do Curso de Licenciatura em Artes Visuais na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – EBA/ UFMG, tendo como temática a formação das cores.

Percebi durante esse trabalho que o ensino de cor nas escolas básicas e superiores é muitas vezes superficial, não sendo do conhecimento dos alunos nem mesmo a nomenclatura correta das cores-pigmentos primárias.

A ideia surgiu a partir do fato de que o estudo da formação das cores era necessário nas atividades de Intervenção Urbana desenvolvidas pelos alunos. Logo, iniciei o trabalho utilizando a estrela cromática, tendo espaço, então, para aprofundá-la na proposta de material didático feita nas disciplinas Laboratório I e II da Licenciatura em Artes Visuais da EBA/ UFMG.

Como o projeto surgiu a partir de práticas e vivências na Escola Integrada, optei por experimentá-lo, inicialmente, com turmas que faziam parte desse programa e que participavam da oficina de Intervenção Urbana. A partir da experimentação do referido material, diversos pontos a ser discutidos e complementados surgiram.

A pesquisa teve, em seu processo, pesquisas e análises de aulas, mantendo sempre um vínculo com ensino de artes visuais. No primeiro capítulo faço um relato de experiência de minhas vivências no Programa Escola Integrada e suas concepções, buscando referência de dados numéricos no IBGE e relatos da coordenação do programa. No segundo capítulo, trato da concepção e execução do referido material didático, buscando referências nas Propostas Curriculares - Arte da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais SEE/MG e em artistas como Escher e Guto Lacaz. O terceiro capítulo trata das experimentações do material didático e as reflexões a partir do mesmo.

PRIMEIRO CAPÍTULO - PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Neste capítulo serão abordados pontos acerca da concepção, implantação e desenvolvimento do Programa Escola Integrada na Escola Municipal Aurélio Pires, tendo como foco a oficina de Intervenção Artística Urbana e minha atuação como monitora, do final de 2009 ao mesmo de 2012.

SOBRE O PROGRAMA

O Programa Escola Integrada é uma iniciativa da Prefeitura de Belo Horizonte. Criado em 2006, conta com a participação de diferentes setores governamentais e instituições de ensino superior, atendendo alunos do ensino fundamental. No início, o programa contemplava cerca de 90 escolas da rede municipal de educação, porém esse número vem crescendo ao longo dos anos. A ponte entre essas entidades e a escola é feita por um professor comunitário¹, que coordena as atividades. Os monitores dessas oficinas são estudantes universitários que elaboram e participam de projetos, em uma espécie de estágio, pois não se trata de estágio obrigatório e sim bolsa de extensão, e moradores da comunidade. Estes são Agentes Culturais que geralmente são indicados pela própria comunidade ou preenchem as vagas de Agentes em escolas perto de suas residências, não tendo vínculo com qualquer instituição de ensino, desenvolvem oficinas lúdicas e de desenvolvimento motor e cognitivo².

O programa tem como objetivo oferecer educação integral por meio da ampliação dos horários de atividades educativas e utilização de espaços físicos externos à escola, que são vistos como pontos positivos, ampliando as

¹ O cargo de Professor Comunitário é assumido geralmente por professor concursado da própria escola, que coordena e organiza o programa.

² BLASIS, E. De [eT.al] *Tendências para a educação integral*. São Paulo: Fundação Itaú Social – CENPEC, 2011. Disponível em: <<http://cenpec.org.br/biblioteca/educacao/producoes-cenpec/tendencias-para-educacao-integral>> Acesso em: 28-4-2012

possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Os estudantes das escolas participantes são atendidos pela manhã e à tarde. Nesses períodos são oferecidas ações educativas, por meio de acompanhamento pedagógico, atividades culturais e esportivas, lazer e formação cidadã, além de refeições. Para as atividades fora da escola, são organizados grupos de 25 alunos, acompanhados de um monitor, sob a coordenação de um professor comunitário (MEIRA, 2011). Dever este que recai sobre o monitor da oficina, que é responsável pelo deslocamento das crianças da escola até o local onde será ministrada e, esse deslocamento na maioria das vezes, se dá caminhando, pois não há a disponibilidade de ônibus da prefeitura para todos os deslocamentos do dia.

Segundo a então coordenadora do programa na Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte- SMED/ PBH –, Neuza Maria Santos Macedo, o projeto inicial previa a participação de apenas sete escolas. Hoje, 128 das 181 instituições de ensino fundamental da capital mineira participam do Programa Escola Integrada, atendendo alunos com idades entre 6 e 14 anos³.

De acordo com Neuza, o programa oferece oficinas em diversas áreas para os estudantes, tendo assim uma maneira diferenciada de “passar”⁴ os conteúdos em sala de aula. Penso que esse modo de abordar e trabalhar os conteúdos e oficinas contribui muito para a formação das crianças bem como deixa de ser maçante e cansativo como na escola, onde segue um padrão de alunos sentados o tempo todo um atrás do outro. O modo como é feito na Escola Integrada favorece a integração dos alunos com a sociedade e com os demais alunos, com meios alternativos de educação, com adaptação e apropriação dos espaços muitas vezes antes não explorados. Os alunos não utilizam apenas o espaço físico da escola, passam a freqüentar parques, bibliotecas públicas e a fazer atividades dentro da própria comunidade, com acompanhamento pedagógico (MACEDO apud ALMEIDA, 2010).

³ Dados numéricos das instituições de ensino que participam do Programa Escola Integrada, disponível nos seguintes endereços eletrônicos: <<http://www.correiodemocratico.com.br/2011/01/05/numero-de-escolas-integradas-cresce-156-em-belo-horizonte/>> e <http://www.ibge.gov.br/municesportes/dados.php?tab=b121&codmun=0620&uf=31&descricao=Belo%20Horizonte>. Acesso em: 23-10-2012.

⁴ Grifos nossos. A palavra “passar” conhecimento levanta questionamentos, pois a o conhecimento não é passado; nem transmitido, pode ser compartilhado ou entendido, de acordo com as concepções contemporâneas de ensino.

As oficinas que existem, são escolhidas de acordo com a demanda de cada escola. Há uma lista de oficinas disponíveis e a professora comunitária juntamente com a direção da escola fazem a escolha. Em seguida o pedido é encaminhado para a SMED/PBH que solicita às instituições de ensino superior alunos/estagiários para desempenhar cada função. As oficinas mais recorrentes nas escolas são: acompanhamento pedagógico, esporte, dança, música, teatro, artes visuais, culinárias, dentre outras. O órgão responsável na instituição de ensino superior seleciona alguns estudantes universitários que são encaminhados para a escola onde são novamente selecionados pela professora comunitária.

O trabalho de monitoria na Escola Integrada consiste em 20 horas semanais, sendo 16 dessas horas cumpridas na escola e as outras 4 na universidade, em encontros de orientações semanais. Nesses encontros, todos os graduandos que atuam em determinadas áreas se reúnem para discutir problemas, soluções e planejamentos, entre outros. Essa orientação acontece em cada uma das áreas separadamente, sendo obrigatório o comparecimento⁵.

ESCOLA MUNICIPAL AURÉLIO PIRES E O PROGRAMA

O Programa Escola Integrada foi implantado na Escola Municipal Aurélio Pires, em 2007. Como toda escola, no período de implantação passou por diversos problemas de adaptação, mas que a cada ano foram sendo resolvidos, mediante organização da direção da escola, coordenação do programa, orientações de órgãos como SMED/PBH e instituições de ensino superior, como por exemplo, a Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG e a Universidade do Estado de Minas Gerais UEMG-. Esses problemas giravam em torno de quantidade e opções de oficinas, espaços a serem

⁵ As áreas de orientação são: Música, Dança, Artes Visuais, Teatro, Acompanhamento Pedagógico, Matemática, entre outras.

utilizados dentro e fora da escola, rotatividade de monitores e divergências com o contra-turno⁶, enquanto um grupo de alunos frequentam o Programa Escola Integrada outro grupo permanece em sala de aula, havendo a troca no final do turno obrigatório.

Atualmente na Aurélio Pires esses problemas de concepção e execução do programa já estão quase totalmente sanados, pois a parceria hoje é mais efetiva entre a equipe que participa do Programa Escola Integrada e os professores da escola regular⁷. A professora comunitária e a direção da escola caminham juntas nos projetos. A rotatividade que acontecia anteriormente diminuiu, não desestabilizando mais o grupo, pois aumentou a procura dos alunos pela oficina e as condições de trabalho dentro da escola estão melhorando cada vez mais. O leque de oficinas ministradas está tendo ótima receptividade entre todos na escola.

Desde que comecei minha atuação nessa instituição, percebi essas dificuldades, bem como as tentativas de solucioná-las por parte da mesma. Tive um pouco de atribulações quando entrei, pois muitos desses problemas ainda existiam, me deixando sem estrutura e base para iniciar os trabalhos. Não havia também um bom entendimento do Programa, dos seus objetivos e como deveria funcionar a minha oficina de Intervenção Urbana, suas potencialidades e seus objetivos, por parte da escola.

Fiquei um pouco perdida no início, pois não havia ainda a orientação semanal obrigatória. Ministrava aulas na escola todos os dias, porém, com o passar do tempo, fui entendendo o funcionamento do Programa e, mesmo dentro das minhas atividades, consegui solucionar essas situações problemáticas de modo que não afetasse a mesma.. Como a falta de espaço, a concepção errônea acerca da Intervenção Urbana e a grande rotatividade de alunos.

⁶ Entende-se como contraturno o período que os alunos permanecem na escola depois da sua carga horária obrigatória, ou seja, é um tempo expandido. Disponível em:
<http://www.gazetadopovo.com.br/ensino/conteudo.phtml?id=969629&tit=Contraturno-e-outra-opcao-que-atrae-interessados>

⁷ Há uma distinção entre o Programa Escola Integrada e a escola regular, feita muitas vezes pelas famílias dos alunos, os próprios alunos, professores, funcionários, direção e até mesmo órgãos responsáveis, porém a mesma é indesejada, pois gera a impressão que são duas escolas dentro de uma. Há a tentativa de mudar essa concepção.

Pouco a pouco adaptei às aulas aos espaço disponíveis e iniciei trabalhos diferentes da pintura, já em relação à rotatividade demorou mais tempo para ser solucionada.

Pelo que pude perceber, a escola em que eu trabalhei valoriza muito a área de Arte. Um exemplo disso é que nesse espaço, desde que entrei, existem cerca de 6 monitores que contemplam as áreas de dança, teatro, música e artes visuais. Esse fato contribuiu para o crescimento e desenvolvimento da minha oficina, pois me ajudou a estabelecer parcerias entre as demais que também trabalhavam arte e, geralmente, os alunos que frequentavam as oficinas de arte eram em sua maioria os mesmos. Mas vale ressaltar que esta realidade não corresponde à maioria das escolas que integram o Programa do município, pois as estruturas são diferentes.

MONITORIA: OFICINA DE INTERVENÇÃO URBANA

Quando comecei a trabalhar como monitora na Escola Integrada, em novembro de 2009, estava no 2º período do curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFMG- EBA/ UFMG. Não havia orientação e, como cada escola possui somente um monitor para cada área, não havia ninguém que eu pudesse recorrer para saber como agir e por onde começar. Nunca tinha tido contato com o trabalho de Intervenção Urbana, mas achava interessante e me dispus a pesquisar e aprofundar sobre o tema para que pudesse assim assumir a oficina. Mesmo não tendo conhecimento na área, vi nessa oportunidade de atuar como Interventora Urbana, uma ótima chance de aprender, experimentar e ampliar meus conhecimentos no âmbito da Licenciatura, pois nesse momento iniciava as disciplinas da mesma e traçar relações entre a universidade e o campo de atuação era algo que me interessava muito e que seria de grande valor para minha graduação. Vejo um grande problema em relação aos monitores que atuam nas oficinas, pois em

sua maioria não há preparo antes de assumir a oficina e o apoio ao planejamento é muitas vezes inexistente o que acaba por fazer a oficina ficar vazia em relação à conteúdos e possibilidades..

O monitor que atuou nessa oficina, antes da minha entrada, trabalhava somente com pintura e, em sua maioria, nos postes no entorno da escola, não deixando na ocasião do seu desligamento um planejamento que pudesse ser seguido por mim. Após sua saída a escola ficou quase um ano sem a oficina e, por isso, havia uma necessidade de logo desenvolver o trabalho de pintura nos postes e, posteriormente, nos muros, surgindo assim essa demanda de continuar a pintar.

Mas, depois de algum tempo trabalhando no Programa, confirmei em reuniões de formação o que tinha descoberto através de pesquisas que realizei, que o trabalho de Intervenção Urbana não era somente um processo de intervenção com pinturas em muros e postes, mas esta podia e devia ser pensada como prática artística no espaço urbano. A intervenção (Figura 1) pode ser considerada uma vertente da arte urbana, ambiental ou pública, direcionada a interferir sobre uma dada situação para promover alguma transformação ou reação, no plano físico, intelectual ou sensorial⁸. Podem ocorrer em áreas externas ou internas.



Figura 1: Intervenção Urbana - Criada pela agência David&Goliath dos EUA, que aconteceu na praia de Santa Mônica, para divulgar o filme King Kong em versão 3D. Disponível em: <http://tudibao.com.br/2010/06/intervencao-urbana-para-divulgar-king-kong-3d.html>. Acesso em: 29-01-2013.

⁸ Disponível em:

<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=8882> Acesso em: 08-04-12.

As [expressões], técnicas e táticas empregadas nesses trabalhos são bastante heterogêneas. Intervenções podem ser ações efêmeras, eventos participativos em espaços abertos, trabalhos que convidam à interação com o público; inserções na paisagem; ocupações de edifícios ou áreas livres, envolvendo oficinas e debates; performances; instalações; vídeos; trabalhos que se valem de estratégias do campo das artes cênicas para criar uma determinada cena, situação ou relação entre as pessoas, ou da comunicação e da publicidade, como panfletos, cartazes, adesivos (stickers), lambe-lambes; interferências em placas de sinalização de trânsito ou materiais publicitários. Enfim, manifestações artísticas em espaços públicos⁹.

A partir daí pude pouco a pouco mudar meus planejamentos, não restringindo as atividades somente a pintura, porém essa mudança efetiva só se tornou possível algum tempo depois, após estarem prontas todas as pinturas do entorno da escola, solicitadas pela direção/coordenação.

No início da oficina, trabalhei cerca de um mês o desenho com os alunos, pois era uma demanda trazida por eles e contribuía para o pensamento do desenho voltado para o trabalho visual que, posteriormente, seria desenvolvido. Porém, eram estudos livres de criação, pois ainda não havia elaborado um projeto para ser executado e ainda não me sentia preparada para procurar ajuda na EBA/UFMG, pois não sabia ao certo quais informações precisava. A intenção, a partir desses desenhos, era pensar a composição que iríamos trabalhar com pinturas nos muros, desenvolvendo a criatividade, o trabalho em grupo e o conhecimento de técnicas e procedimentos do desenho. Pois era uma concepção que tinha desde o início, de não levar projetos prontos para desenvolver com os alunos e sim desenvolvê-los com eles.

Com a chegada de materiais, poderíamos trabalhar as composições nos postes, mas isso acabou não acontecendo. A demanda da escola é oferecer

⁹ Disponível em:

<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=8882> Acesso em: 08-04-12.

uma oficina que atenda um maior número de alunos possível, o que acarreta uma grande rotatividade. E isso acaba por impossibilitar o desenvolvimento de projeto com um grupo fixo de alunos, provocando descontinuidade nos conteúdos abordados.

No início, o que prejudicou o andamento da oficina que ministrava foi a falta de alguns monitores de outras oficinas, pois eu acabava por servir de “quebra-galho” não podendo ministrar por completo minha oficina como deveria. Também ainda não tinha disponível os materiais de pintura, mas essa situação mudou quando os materiais chegaram, em abril de 2010. Passei, então, a sair para a rua com os alunos todos os dias, porém ao longo da oficina, isso acabou por desestabilizar meu trabalho, pois o tempo que deveria ser reservado ao planejamento das atividades não estava sendo aplicado na prática.

Apesar de ter uma monitora da SMED, que me acompanhava durante as aulas, esta só me auxiliava na parte prática/ técnica, na disciplina e já trazia ideias prontas para serem executadas pelos alunos, sem que um projeto fosse discutido e planejado com eles, o que fugia do meu planejamento inicial, de não levar projetos prontos. Com o passar do tempo essa monitora foi substituída, mudando então essa realidade, pois com o novo monitor havia tempo para discussão e planejamento, saímos para as ruas em busca de lugares que poderiam ser trabalhados, ou seja, me auxiliava em todos os âmbitos da oficina. Como não havia orientação, fiz meus planejamentos de aula buscando referência no ensino médio da escola regular, no cursinho pré-vestibular de desenho que havia feito e nas disciplinas práticas e teóricas da graduação, porém ainda não havia encontrado uma forma de trabalhá-las com os alunos, e nem como vinculá-las à oficina de Intervenção Urbana.

Lidar com tinta e indisciplina foi um dos meus maiores desafios, bem como, conseguir trabalhar todos os dias sem seguir um projeto e/ou colocar em prática o planejamento que eu havia feito. Via que muito desses problemas acontecia devido à euforia dos alunos, por trabalharem arte fora de sala de

aula e por lidarem com tinta (coisa que eles adoram). Penso que a elaboração e execução dos trabalhos de arte dentro da sala de aula desperta nos alunos, um interesse próprio, porém algumas vezes podem restringir os pensamentos, desejos e criatividade dos alunos, o que se expandia ao sair para outros espaços. Vejo nessa oficina uma chance de trabalhar a arte de forma diferente, expandindo o pensamento crítico e de mundo, abrindo espaço para novas experimentações.

Para não pintarmos sem alguma proposta e reflexão sobre o tema sugerido, passei a dividir a oficina da seguinte maneira: na escola os alunos desenhavam algo sobre o tema sugerido por mim e pelo grupo e então saímos para pintá-los nos postes. Foi assim até o mês de agosto de 2010. Não era bem o projeto que pretendia desenvolver com os eles, mas começou bem.

No mês de setembro observei que estávamos ficando cansados de pintar nos postes (Figura 2), nas ruas todos os dias, e que não estava fazendo nenhum sentido a não ser pintar todos os postes existentes no entorno da escola. Isso fugia à proposta da oficina que não é produzir apenas elementos decorativos para deixar as ruas mais bonitas. Percebi que eram aulas vazias de conteúdo em artes visuais e que acabavam se tornando momentos de pintura pelo simples exercício de pintar, onde sem embasamento ou projeto os alunos reproduziam nos postes e muros os desenhos aleatórios que haviam desenvolvido, sendo trabalhados somente a prática e técnica da pintura.



Figura 2: Alguns trabalhos de pintura em muros e postes.

Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

Penso que a história da arte, mesmo não sendo trabalhada cronologicamente, faz muita falta como referência e contextualização de assuntos para o ensino. E os conhecimentos técnicos, mesmo não sendo no caso imprescindíveis, pois a oficina visava a expressão do aluno sem necessariamente trabalhar técnicas de pintura, algumas vezes acabava por fazer falta. Em determinado momento ficou mais claro a relação que as disciplinas da EBA/ UFMG faziam com a oficina de Intervenção Urbana e onde poderia explorá-las e me senti então segura para isso. Foi a partir daí que comecei a trabalhar técnicas artísticas que iriam aperfeiçoar e aprimorar ainda mais os trabalhos desenvolvidos na oficina (Figura 2). Passei então a compartilhar os meus conhecimentos com os alunos, num movimento contínuo de como eu aprendo arte e como eu posso ensinar os conteúdos desta área, a partir de minhas próprias experiências.



Figura 3: Trabalhos desenvolvidos explorando novas possibilidades.

Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

Os desenhos que os alunos produziam eram sempre os mesmos, estereotipados: casinha, florzinha, sol com carinha, árvores, entre outros¹⁰. Foi aí que decidi dividir o tempo das aulas, onde metade da aula seria de iniciação ao desenho onde busquei trabalhar as técnicas básicas ampliando ao longo do tempo para técnicas mais aprofundadas como stencil e gravura e a outra metade seria de pintura¹¹.

Desta forma, consegui por em prática o planejamento que fiz baseado nas aulas que tive no ensino regular, no cursinho de desenho e na EBA/ UFMG, porém tive alguns problemas para colocá-lo em prática como a falta de espaço, ter que sair todos os dias para pintar e não ter turma fixa. Vi a partir

¹⁰ “Por desenho estereotipado entendemos ser a imagem mental padronizada, tida coletivamente por um grupo, refletindo uma opinião demasiadamente simplificada, atitude afetiva ou juízo incriterioso a respeito de uma situação, acontecimento, pessoa, raça, classe ou grupo social”.- Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=estere%F3tipos> > Acesso em: 23-10-2012

¹¹ As aulas têm duração de 3 horas, sendo 1 hora e meia para cada oficina por grupo de alunos. Porém, para a Intervenção esse período era curto, pois demandava tempo o deslocamento com os alunos, a preparação dos materiais, o esboço no local de trabalho, a execução, o retorno para a escola e a limpeza dos materiais. Devido a essa situação, pedi à professora comunitária que minhas aulas durassem todo o período e assim sempre aconteceu.

de então que a falta de espaço no caso da minha oficina era proveitoso, embora não fosse o ideal, pois os alunos aprendiam a adaptar ao local disponível e assim ampliar as possibilidades dos trabalhos. A aula se deu de forma prática e interativa, onde discutíamos tudo que implicava o assunto e, a partir daí, desenvolvíamos os trabalhos juntos.

Fator importante que contribuiu para o sucesso da minha oficina foi que durante todo esse tempo de experiência no Programa Escola Integrada pude conhecer bem os alunos, estabelecendo com eles e com a escola certa confiança e parceria. Paralelamente, no curso de Licenciatura em Artes Visuais ampliava meus conhecimentos teóricos/práticos.

Desde que entrei para o Programa, periodicamente é oferecido pela SMED um curso de formação por área, ou seja, onde no caso todos os monitores da oficina de Intervenção Urbana, sejam bolsistas de universidades ou agentes culturais de comunidades, debatem as metas e princípios da oficina, sugerem temas e abordagens a serem trabalhadas, discutem as dificuldades, desafios, entre outros vários temas. Foi a partir de uma dessas reuniões que passei a observar melhor o desenvolvimento dos meus alunos, bem como suas capacidades, seus pensamentos, criatividade e trabalho em equipe.

Descobri que tinha medo de sair com crianças de 6 e 7 anos para rua, devido ao trânsito e à distância a percorrer. A oficina de Intervenção Urbana acontece nas ruas e, devido a isso, a responsabilidade recai sobre o monitor que tem a tarefa de desenvolver os trabalhos e ainda vigiar os alunos. Durante os meus trabalhos já em meados do ano de 2010, a diretora da escola me pediu que pintasse as pilastras de dentro da escola, com motivos de natureza¹². Vi aí uma ótima oportunidade para trabalhar com as crianças menores, pois pude perceber o maior poder de abstração¹³ e figuração¹⁴

¹² Não sou muito resistente aos trabalhos e temas sugeridos pela escola, tento adequá-los aos meus projetos e abordá-los sem se tornar obrigatório e rígido.

¹³ Entende-se por abstração o ato ou efeito de abstrair ou abstrair-se. Consideração das qualidades independentemente dos objetos a que pertencem. <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=abstra%E7%E3o>> Acesso em: 23-10-12

juntas. De acordo com o tema sugerido, as crianças com um giz desenhavam nas pilastras para depois pintá-las. Esse medo de levá-las para trabalhar na rua passou quando adquiri maior confiança em mim e na própria oficina, ficando mais próxima dos alunos. Ainda assim, discordo dessa responsabilidade que recai sobre o monitor de levar as crianças para trabalhar na rua.

No fim de setembro 2010, comecei a ter orientação semanal na UFMG, conduzida por uma professora do *design*¹⁵ e um aluno do Mestrado em Artes¹⁶, acerca da metodologia usada, do planejamento, das metas que deveriam ser alcançadas.

Em determinado momento foi discutido o planejamento de aula e como executá-lo. Constatei durante a reunião que eu era uma das únicas que saía para pintar todos os dias e que não tinha turma fixa.

Sugeriram-me na orientação que separasse certo número de alunos (5 ou 6, que já é um número determinado pela escola) e que ficasse com aquele grupo durante um tempo (um mês, por exemplo), para então poder desenvolver um pensamento diferenciado. Um processo em que os alunos aprendessem mais sobre as artes visuais, técnica e outros conteúdos básicos necessários. A partir daí selecionei as turmas (uma de manhã e outra à tarde), funcionando muito bem. Investi na possibilidade de desenvolver um material didático que pudesse abordar com mais profundidade o estudo da cor, assunto que veremos nos próximos capítulos deste trabalho.

¹⁴ Entende-se por arte figurativa, o tipo de arte que se desenvolve principalmente na pintura pela representação, de seres e objetos em suas formas reconhecíveis para aqueles que as olham. Na arte ocidental a prática da arte figurativa só se transforma, perdendo sua soberania, a partir do inicio do século XX, com o surgimento da arte abstrata, que busca expressar o mundo interior, o mundo dos sentidos, bem como relações concretas usando como referencia apenas os recursos da própria pintura, como a cor, as linhas e a superfície bidimensional da tela. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=100> Acesso em: 10-01-13

¹⁵ Professora Maria Luiza Viana.

¹⁶ Henrique Teixeira atualmente já defendeu o mestrado e é professor substituto na FAE – Faculdade de Educação.

SEGUNDO CAPÍTULO - MATERIAL DIDÁTICO: FORMA COR

PRÉ-CONCEPÇÃO

A ideia para o material didático surgiu a partir das aulas que lecionei na Escola Integrada, no período de 2009 a 2012, abordando conteúdo sobre a formação das cores. Percebi que existe grande dificuldade no entendimento do assunto, e que o ensino de cor nas aulas de artes visuais é, às vezes, superficial, abordando de forma errônea as cores, não sendo distinguidas corretamente cor primária de secundária..

Comecei a desenvolver o projeto do material em disciplinas da Licenciatura¹⁷, porém a ideia ainda estava muito incipiente. O projeto consistia em trabalhar a formação das cores de forma lúdica e interativa. Inicialmente, fiz um levantamento bibliográfico sobre o assunto e acabei por encontrar relevância para a pesquisa na Proposta Curricular - Conteúdo Básico Comum CBC - de Arte, do Estado de Minas Gerais¹⁸, em um dos Eixos Temáticos. Tal tema teria correspondência com o Eixo “Percepção Visual e Sensibilidade”, que trabalha habilidades com a identificação de elementos composicionais, abrindo caminhos para explorar as possibilidades de estudo da cor. Paralelamente à execução do material didático dei continuidade às pesquisas, pois, a cada ponto que o material avançava, diversos outros surgiam para serem repensados.

Quando idealizei o projeto, queria produzir vários objetos que pudessem ser usados para formação de cores, que ficariam dispostos dentro da “caixa”.

¹⁷ Disciplinas de Laboratório de Licenciatura I e II, realizadas no segundo semestre de 2011 e primeiro semestre de 2012, respectivamente.

¹⁸ A referência encontra-se no CBC em: Eixo temático: Percepção Visual e Sensibilidade- Tema: Conhecimento e expressão em Artes Visuais- Tópicos e Habilidades: Identificar os elementos compostionais de obras de artes visuais e Estabelecer relações entre análise formal, contextualização, pensamento artístico e identidade Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/SISTEMA_CRV/index.aspx?id_projeto=27&id_objeto=38688&tipo=ob&cp=fc5e36&cb=&n1=&n2=&Proposta%20Curricular%20-%20CBC&n3=Fundamental%20-%206%C2%B0%20ao%209%C2%BA&n4=Arte&b=s>. Acesso em: 18- 03-12

Porém, os materiais deveriam ser lúdicos e com a possibilidade de serem construídos e/ou manipulados pelos usuários.

Diante das dificuldades de construção física do material, comecei a pensar e a experimentar outras possibilidades. A seguir destacarei algumas experimentações para um melhor entendimento do processo de reflexão e elaboração do referido material didático. São itens que compõem o próprio material: estrela cromática, livrinho interativo, piorra, fichas de sobreposição e quebra-cabeça. Constam outros elementos que foram pensados, mas que acabaram por não serem incluídos no processo.

ESTRELA CROMÁTICA

A ideia da estrela cromática surgiu a partir de atividade proposta¹⁹ por uma professora de Arte que tive no Ensino Médio, onde desenhávamos uma estrela de seis pontas e em cada uma delas dispúnhamos uma cor, alternando-as entre primárias e secundárias. A partir daí, passei a desenvolvê-la como estudo da cor em minhas atividades com os alunos no Programa Escola Integrada (Figura 4).

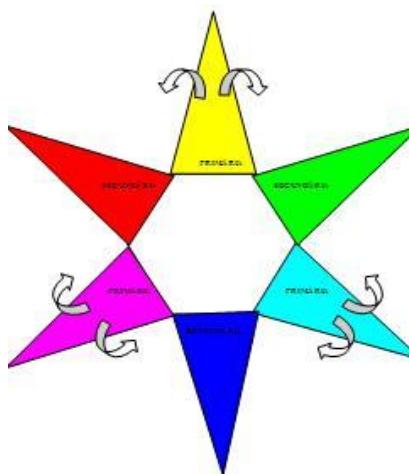


Figura 4 : Esquema da estrela cromática.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

¹⁹ Porém essa proposta foi executada na época, utilizando as cores-pigmento secundárias (Amarelo, vermelho e azul) e não as primárias (Ciano, magenta e amarelo).

Percebi, então, que funcionava muito bem nas atividades que propunha nas oficinas. Nesse momento, iniciei minha investigação para encontrar as melhores características para fabricação da estrela, que comporia o material didático, indagando as seguintes questões: Qual a melhor dimensão a ser usada? Como produzir as cores e o melhor material? Deve ser transparente para melhor visualização dos outros materiais que ficariam dispostos na parte interna da estrela?

Assim, optei por construí-la em papel Paraná e pintá-la com tinta guache e acrílica, nas cores próximas às correspondentes primárias, embora ainda hoje não a considere finalizada. A estrela por ser de seis pontas, quando fechada forma uma espécie de “caixa pirâmide”. A ideia era chamar a atenção para o objeto de forma elucidativa e lúdica, podendo assim conter outros objetos em seu interior que pudessem auxiliar na construção das cores.

Na disciplina Laboratório I, somente idealizei o projeto. Já em Laboratório II, no primeiro semestre de 2012, pude começar a por em prática a estrela cromática. Construí esta em tamanho maior, sendo as cores externas e internas trabalhadas com pintura, algo que não apresentou acabamento satisfatório, pois além da tinta não ficar uniforme, não consegui as cores exatas. Em discussões em sala de aula, sugeriram-me trabalhar acrílico transparente com plástico colorido (Insul Film) para melhor visualização dos materiais dispostos dentro da “caixa”. Porém, esse tipo de material não me permitiu construir visualmente as cores primárias e secundárias como deveriam ser.



Figura 5 : Estrela cromática aberta finalizada.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

Dentro da estrela estariam dispostos: o livro com título *Forma Cor*; fichas de plásticos transparentes nas cores primárias para sobreposição; uma piorra com discos nas cores primárias, que ao serem giradas formavam as cores secundárias; e caixa contendo um quebra-cabeça (Figuras 5 e 6).

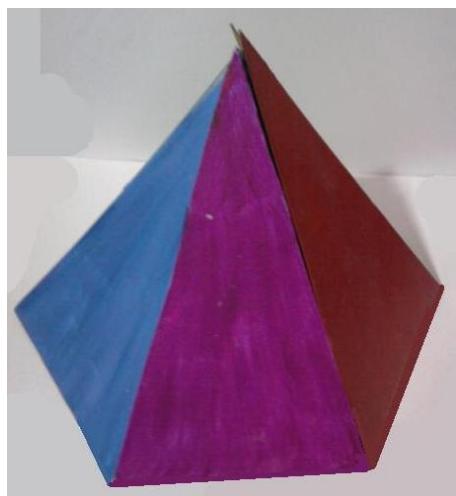


Figura 6: Estrela cromática fechada e entreaberta com os materiais.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

LIVRINHO INTERATIVO

Durante essa busca por materiais lúdicos e manipuláveis, encontrei um livro muito interessante na escola que trabalhei e que acabou por me auxiliar na produção do livro, sob o título “*Branca de Neve e os sete anões - Hora do Jantar*”, da Walt Disney (Figura 7). O livro trazia cenas que se alteravam de acordo com a manipulação. Além deste, comecei a pesquisar outros que permitiam esse mesmo tipo de interação, iniciando uma busca por livros interativos e cartões 3D, para que pudessem me auxiliar na construção de um livrinho sobre as cores e suas formações.



Figura 7: Livro Branca de Neve e os sete anões em que me baseei.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

Quando idealizei tal livro, não quis que ele fosse narrativo, mas sim poético. A ideia de contar história não me interessou naquele momento, devido à estrutura narrativa de início, meio e fim, além de não deixar possibilidades de interação com o usuário do material.

Uma das fontes que me baseei para construí-lo foi o livro *Flicts*²⁰, da autoria de Ziraldo Alves Pinto, pois também fazia relação com cor, mas que se difere da minha proposta nos seguintes pontos: a histórias das cores está apresentada de forma narrativa e nele são trabalhadas todas as cores, sendo

²⁰ O livro *Flicts* se trata de uma cor que não tinha lugar nenhum no mundo. Tentava se encaixar em diversas coisas, como nas bandeiras, no mar, no céu, entre outros. Sempre disputando com as cores do arco íris. Ao final do livro descobre que somente os astronautas sabem que a Lua é dessa cor.

que meu objetivo era de restringir a proposta somente às cores primárias e secundárias.

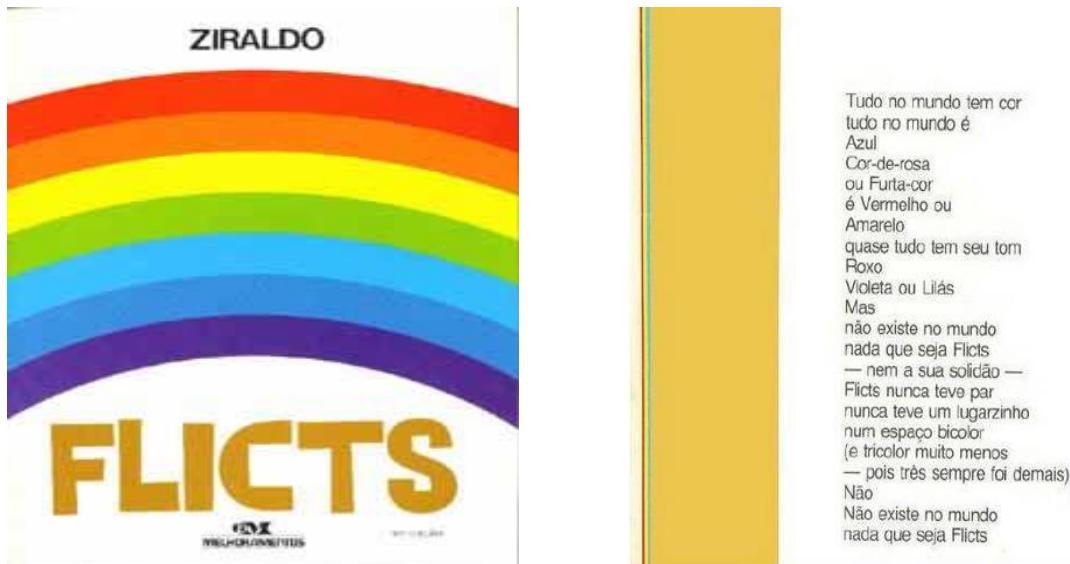


Figura 8: Capa e página do livro *Flicts*

Disponíveis em:

[> e
<http://www.slideshare.net/laraCrissiumal/ziraldo-flicts-ilustrado>. Acesso em: 31-01-2013](http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.ziraldo.com/livros/flicts.jpg&imgrefurl=http://www.ziraldo.com/livros/flicts.htm&h=300&w=233&sz=8&tbnid=faANcEMFz0z9mM:&tbnh=103&tbnw=80&prev=/search%3Fq%3Dlivro%2Bflicts%26tbo%3Disch%26tbo%3Du&zoom=1&q=livro+flicts&usg=_XwMf16jnmHY0UGddcqQSktR9Lvk=&docid=G78Pv9TD3-leIM&hl=pt-PT&sa=X&ei=9cAKUe6YNuyx0AHI5YGoDA&ved=0CE0Q9QEwAg&dur=1088)

Inicialmente pensei em produzir um livro de formato quadrado, mas acabei fazendo-o retangular, intuitivamente, construindo-o em forma de sanfona, para que todas as páginas fossem duplas, possibilitando os trabalhos de encaixes, prezando pela manipulação/interação dos elementos (Figura 9).



Figura 9 : Livrinho fechado e semi aberto.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

As ilustrações foram feitas em aquarela, as páginas em papel *Canson*, e a capa em papel *Paraná*, sendo costuradas posteriormente. O livro foi intitulado *Forma Cor*, no intuito de carregar o duplo sentido, sendo: FORMA referente às formas geométricas; COR referente a cores; e FORMA COR, por se tratar da formação de cores.

PIORRA

Pensei na possibilidade de criar algo que formasse as cores através do movimento rápido. Surgiu então a ideia de uma piorra ou um corrupio, e acabei por utilizar somente a piorra. Lendo o livro *O Universo da Cor*²¹, de Israel Pedrosa (2003), verifiquei que era possível formar a cor a partir da velocidade, mas a cor formada a partir da velocidade seria considerada cor-luz e não pigmento.

Inicialmente as cores seriam constituídas a partir de pequenos pedaços onde juntos formariam um disco que seria montado a critério do usuário, mas acabou não funcionando devido ao material utilizado. A partir de pesquisas encontrei o trabalho do artista Guto Lacaz²² (Figura 10), onde me identifiquei com a forma em que trabalhava e apropriei da idéia para construir a piorra, pois procuro reaproveitar materiais sempre que possível e a partir deles construir coisas novas, a partir de então optei então produzi-la com uma tampa de tamanho médio e um eixo móvel. As cores eram dispostas em discos (Figura 11), que poderiam ser trocados pelo usuário, cada qual com duas cores primárias, de maneira a formar as três cores secundárias (Figura 12).

²¹ Porém o livro *O Universo da Cor*, tem problemas, pois apresenta o vermelho como cor- pigmento primária.

²² Guto Lacaz é “um artista plástico que, às vezes, cruza os terrenos da ciência e da tecnologia, sobretudo quando constrói as suas máquinas e aparelhos paradoxais ou absurdos. É uma espécie de antiingenheiro decidido a aplicar o seu *know-how* na desmontagem, na desorganização, na desconstrução talvez do sistema produtivo industrial. Trata-se basicamente de conceber e pôr em funcionamento publicamente dispositivos absolutamente inúteis, que repetem *ad infinitum* suas tarefas quixotescas”. Disponível em: <<http://www.cibercultura.org.br/tikiwiki/tiki-index.php?page=Guto%20Lacaz>>. Acesso em: 19-12-2012.



Figura 10: Trabalho do artista Guto Lacaz

Disponível em: <http://pencefundamental.wordpress.com/tag/guto-lacaz-e-duchamp/> Acesso: 01-02-2013.

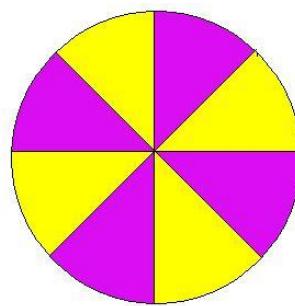


Figura 11: Discos com duas cores primárias.

Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

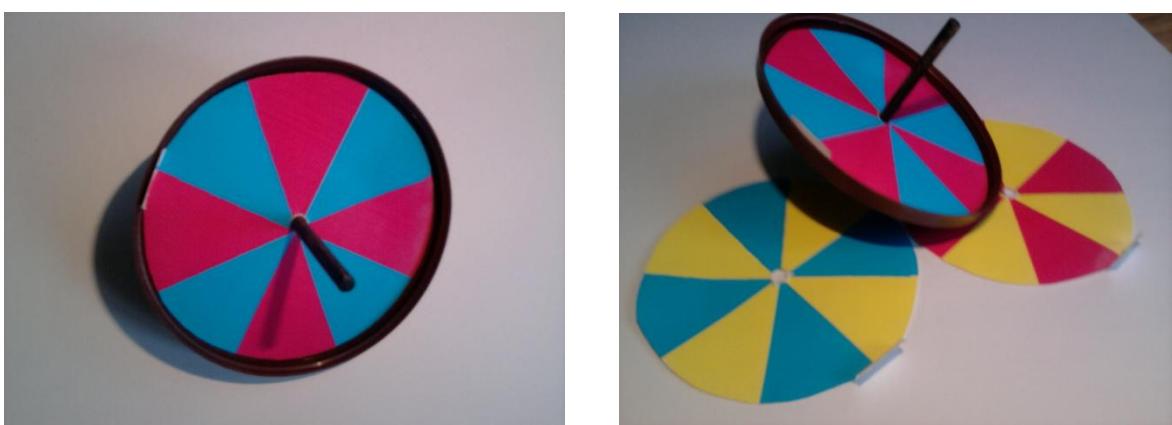


Figura 12: Piorra finalizada.

Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

Pensei na possibilidade de intercalar fichas pretas e brancas, para que o usuário verificasse se ocorreria mudança de tom, mantendo a cor inalterada ou não. Porém, optei por não fazê-las nesse primeiro momento.

FICHAS DE SOBREPOSIÇÃO

A partir de pesquisas experimentais, descobri que as cores podem ser formadas por sobreposição. Iniciei desta forma a análise acerca dos materiais que propiciavam essa experimentação e descobri que o plástico para encapar cadernos possibilita um bom resultado, melhor visualizado contra a luz, pois possui grande quantidade de pigmento e a transparência é boa. Porém, não encontrei o material na cor ciano, optando por utilizar outro tom de azul, o que gerou efeito semelhante ao desejado (Figura 13).

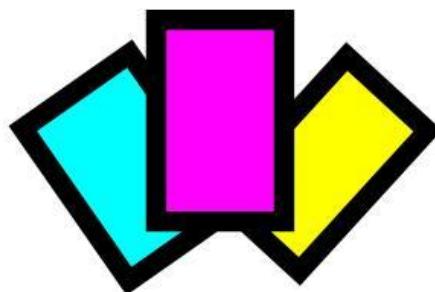


Figura 13: Fichas Translúcidas.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

QUEBRA-CABEÇA

Surgiu também a ideia de construir um quebra-cabeça (Figura 14), pois além de ser interativo, possibilita diversos desdobramentos e abordagens. Quando as peças com cores primárias são colocadas corretamente, forma-se em seu encaixe a cor secundária. Inicialmente construí um quebra-cabeça com peças comuns, porém sugeriram-me trabalhar outras formas e formatos (Figura 14).

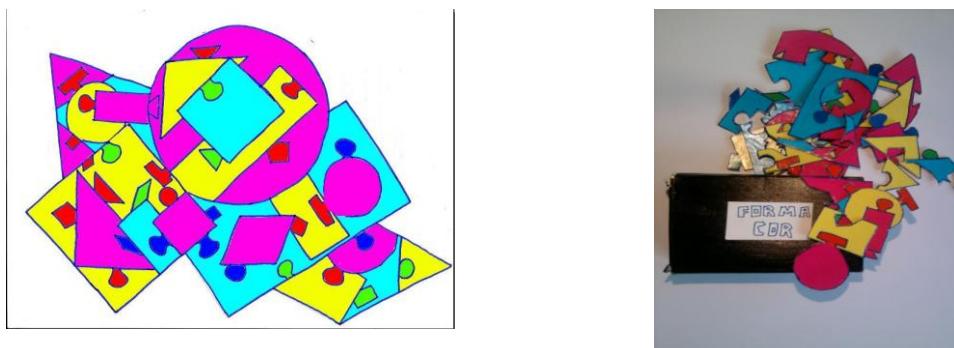


Figura 14: Quebra-cabeça esquemático e finalizado.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

Baseada no trabalho do artista Escher²³ (Figura 15), que explora encaixes onde a partir dos mesmos, outras possibilidades são formadas, construindo outro quebra-cabeça, ainda explorando as formas geométricas nos encaixes, nas cores e nas imagens formadas.

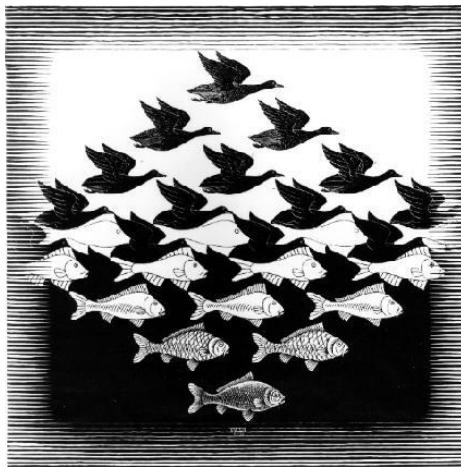


Figura 15: Trabalho do artista Escher.

Disponível em: <artefontedeconhecimento.blogspot.com> Acesso em: 01-02-2013.

RELAÇÃO COM FORMAS GEOMÉTRICAS

Em uma das apresentações do material didático que fiz para a turma da disciplina Laboratório II, discutimos que este fazia muita relação com formas geométricas e para mim, até então, essa relação era desconhecida.

Nesse momento, ainda não havia iniciado a execução do livro, mas tal situação me levou a acrescentar em seu projeto as formas geométricas. E, ao estudar as cores, no livro *O Universo da Cor*, descobri que o estudo de cor e forma se deu ao mesmo tempo, entrelaçando ainda mais o meu trabalho.

Destaco a seguir, as formas geométricas encontradas no material didático:

- triângulo e hexágono na forma de estrela.
- círculos e cilindros nos potes de tinta utilizados para a experimentação.

²³ Escher “trabalha e valoriza as formas, se encantou por mosaicos e como cada figura se entrelaçava a outra e se repetia, formando belos padrões geométricos. A partir de uma malha de polígonos, regulares ou não, Escher fazia mudanças, mas sem alterar a área do polígono original. Assim surgiam figuras de homens, peixes, aves, lagartos, todos envolvidos de tal forma que nenhum poderia mais se mexer”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Maurits_Cornelis_Escher>. Acesso em: 20-12-2012.

- retângulo no livrinho.
- círculo na piorra.
- triângulo, retângulo e círculo no quebra-cabeça.
- retângulo nas fichas de sobreposição.

IDEALIZAÇÃO

O material didático foi pensado para ser utilizado por completo, todos os objetos em conjunto, como instrumento, e não para ser usado separadamente e tão pouco construído pelos usuários. Porém há a possibilidade de ser desenvolvido como atividade complementar, embora não seja esse o foco do trabalho.

O projeto teve como principal objetivo produzir diversos objetos que pudessem formar cores para, posteriormente, serem colocados dentro da “caixa”. A proposta foi que fossem lúdicos e manipuláveis, para serem utilizados nas criações.

Durante a execução/construção do material didático, surgiu um questionamento que se tratava de como reproduzi-lo, uma vez que todo o meu trabalho havia sido feito manualmente. Para tentar solucionar essa questão, tentei então fazê-lo impresso, mas surgiu o empecilho da espessura do papel utilizado (*Couchê*), já que não era grosso o suficiente para desenvolvimento da estrutura a ser montada.

Durante as disciplinas de Laboratório de Licenciatura, o projeto não sofreu grandes alterações, pois o conceito permaneceu o mesmo. O que alterou foi a evolução das ideias.

Através das pesquisas que realizei, do processo, percurso e interesses na graduação, surgiu a vontade de vinculá-lo ao *flâneur*²⁴, vontade esta que foi reafirmada a partir da leitura do livro *Apologia da deriva - Escritos situacionistas sobre a cidade*, de Paola Berenstein Jacquer (2003). Ainda não considero o trabalho pronto, pois ainda tenho muitas ideias para testar e quero fazer mais referências a artistas.

PROPOSTA DE CADA OBJETO DO MATERIAL DIDÁTICO

Caixa/estrela (Figura 16) - entender através da coloração de cada ponta/triângulo quais cores são usadas para formação de outras, auxiliado pelas setinhas. Poderá ser construída em menor escala, para consultas individuais do aluno posteriormente.

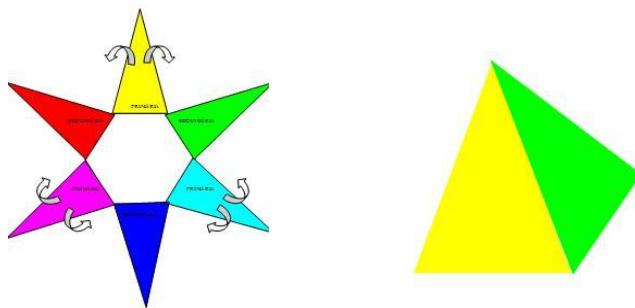


Figura 16: Caixa/ estrela- aberta e fechada.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende

Quebra-cabeça (Figura 13) - trabalhar as formas geométricas, as cores e suas formações, de forma lúdica. Assim, os usuários poderão entender melhor a constituição das cores e terão contato com as formas geométricas de forma lúdica.

Livro (Figura 17)- trabalhar as cores, propiciando uma discussão sobre o seu conteúdo e o que foi observado como, por exemplo: encontrar a cor verde em diversas tonalidades na natureza; a diferença do livro para os demais já conhecidos por eles, dentre outros.

²⁴ O *flâneur* surge assim como um indivíduo desenraizado que se locomove através do espaço urbano remodelado. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v12n1/v12n1a02.pdf>> Acesso em: 26-12-2012

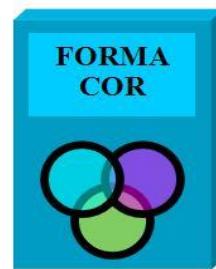


Figura 17: Capa esquemática do livro.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

Piorra (Figura 18) – proporcionar a manipulação e entendimento da mesma, dando a possibilidade de os usuários testarem diferentes materiais, como recortes de papel, colagem, entre outros, podendo também desenvolver diversos modos de girar os discos rapidamente.



Figura 18: Piorra.

Disponível em: <<http://aolibamabrinquedos.blogspot.com.br/2011/06/brinquedos-antigos-um-dos-objetivos-do.html>> Acesso em: 27-12-12

Fichas translúcidas (Ver figura 12)- deverão ser testadas pelos usuários, podendo ser exploradas de diversas maneiras, como: enxergar o espaço físico através delas e assim terão a possibilidade de perceber a mudança das cores ambiente.

POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS

Após a manipulação de todo o material, poderão ser propostas pesquisas sobre artistas que utilizam ou utilizaram basicamente as cores-pigmento primárias, e proposição de produção de trabalhos utilizando as cores separadamente e juntas.

Ao final de toda a produção, é possível propor uma reflexão sobre o material didático que acabaram de utilizar, o grau de dificuldade encontrado, a contribuição para o entendimento das cores, o conhecimento do que estava sendo ensinado e das cores-pigmento e luz, o nível de interesse e divertimento encontrado, dentre outros.

Para efeito de catalogação e futuras alterações no material didático, a oficina/experimentação poderá ser filmada e fotografada. Isso se faz necessário, pois o material ainda se encontra em fase de produção e teste, por isso todas as impressões geradas são relevantes. Vale ressaltar que o material já foi experimentado no Programa Escola Integrada e parte desses registros serão citados, apresentados e discutidos no próximo capítulo.

TERCEIRO CAPÍTULO – EXPERIMENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Quando idealizei o material, pensei que este poderia ser trabalhado com usuários de todas as idades e pretendi desenvolvê-lo com os meus alunos, sendo que na parte da manhã trabalharia com crianças entre 8 e 10 anos e na parte da tarde entre 12 e 14 anos. Assim, seriam realizadas duas experimentações do material.

Optei por experimentar o material didático enquanto ele ainda estava em processo de construção, nas turmas que eu trabalhava na Escola Integrada. Desta forma, poderia adequá-lo às necessidades e observar as mudanças necessárias.

Fiz a experimentação do material nos dois horários propostos e, como ainda não existia uma metodologia a ser seguida, deixei que sugerissem atividades e tivessem ideias criativas. Ou seja, uma etapa introdutória para ver como seria a relação espontânea das crianças com o material. Na verdade a intenção era que outra pessoa pudesse aplicar o material didático, mas como isso não foi possível, deixei que os alunos explorassem primeiro os objetos.

No entanto, houve certa dificuldade de realização do meu projeto na escola em que eu trabalhava, pois é restrito o acesso a tintas em cores-pigmento primárias (ciano, magenta e amarelo) pela falta de material disponível, sendo mais facilmente encontradas tintas nas cores- pigmento secundárias (azul, vermelho e amarelo).

A seguir relatarei como se deu a utilização do material didático produzido.

1ª EXPERIMENTAÇÃO

O número de alunos planejado para utilização do material era de 5 a 7 crianças por grupo. Devido a outras atividades promovidas pela escola, não havia muitos alunos disponíveis para participar da experimentação no dia definido. A atividade foi trabalhada então com apenas 2 alunos, com idades entre 12 e 14 anos.

Expliquei para os alunos que o material era sobre o estudo da cor, mas procurei não direcionar a proposta, embora o objetivo estivesse claro para mim no sentido de verificar as potencialidades de ensino/aprendizagem por meio do material desenvolvido, como, por exemplo: eficácia, abrangência e interesse despertado nas crianças.

Durante a oficina expliquei, então, que não teria um roteiro a ser seguido e que as proposições seriam a critério deles, pois nesse primeiro momento a intenção era perceber as potencialidades do trabalho e o que ele suscitava nos alunos.

Esclareci que a oficina seria fotografada, filmada e gravada para fins de catalogação e possíveis desdobramentos e mudanças, o que foi facilmente compreendido por eles.

Disponibilizei materiais para experimentação da formação das cores, como: papel A1 *Super White*, tintas guache nas cores magenta, amarelo e azul (não encontrei ciano), revistas para recorte, papel A4, cola, tesoura, régua, lápis e borracha.

Iniciei a experimentação (Figuras 19 e 20) com a pirâmide ainda fechada e conversamos sobre o que eles achavam que havia dentro dela, bem como se imaginaram alguma coisa a partir de suas cores. Disseram que imaginaram um interior com desenhos e arco-íris, entre outros.

Deixei que manipulassem o material à vontade. Demorou então para que percebessem do que se tratava, sendo preciso que eu desse algumas dicas, como, por exemplo: prestaram atenção no título do livrinho e na estrela? Conseguiram fazer relação entre as cores e as formas?

Ficaram um pouco tímidos no início e não quiseram manipular muito, porém quando fiz a proposta de que poderíamos desenvolver alguma atividade a partir de tudo o que perceberam, começaram a explorar o material e a produzir desenhos e pinturas. Foi proposto que realizassem colagem, teste das cores, pesquisa de artistas e imagens que poderiam na biblioteca e internet. Assim, conseguiram desenvolver trabalhos criativos e sugestivos, como por exemplo: como se as cores fossem uma família, formada a partir de duas cores primárias, trabalho utilizando todas as cores primárias e secundárias intercalando o preto e o branco, porém não exploraram outros meios diferentes do desenho e da pintura, pois já estavam acostumados a trabalhar arte dessa forma. Esse é um ponto discutível, pois acaba por restringir o conhecimento e expressão do alunos, porém considero um problema cultural que vem se alastrando através do tempo no ensino de arte, sendo porém pensado e refletido em algumas instituições principalmente de ensino superior para que essa realidade seja modificada.



Figura 19: Início da manipulação dos objetos e da estrela.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.



Figura 20: Exercícios construídos a partir da manipulação do material.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

Inicialmente os trabalhos estavam tímidos e um pouco rígidos, não exploraram os materiais e suportes disponíveis. Optando inicialmente em trabalhar papel tamanho A4. Porém, depois, conseguiram ampliar a experimentação para um tamanho A2 onde se soltaram e realmente experienciaram a proposta.

Um ponto de grande relevância que percebi durante a execução foi que os alunos recorreram diversas vezes ao material para consultar as formações das cores, porém em algumas ocasiões inicialmente misturavam a tinta com as respectivas cores, para descobrir qual seria formada, sem conhecimento prévio das cores necessárias para isso. As atividades práticas com esse grupo tiveram duração em média de uma hora e meia.

Após o término dos trabalhos iniciei uma conversa sobre as opiniões que tiveram acerca do material, se já haviam trabalhado com as cores-pigmento primárias, se o material despertou interesse, entre outros questionamentos. Obtive como resposta que nunca tinham trabalhado com aquelas cores, que acharam a proposta bem interessante e que acharam mais fácil o entendimento acerca das cores.

Na utilização do quebra-cabeça (Figura 21) não foi compreendido de imediato que as peças quando encaixadas corretamente formariam as cores secundárias, mas após esse entendimento, a montagem se tornou mais fácil.



Figura 21: Alunos manipulando o quebra-cabeça.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

Em relação às fichas de sobreposição (Figura 22), despertou bastante o interesse dos alunos, por se tratar de uma forma diferente e divertida de trabalhar as cores, porém não exploraram bem suas potencialidades, não explorando-as com as demais cores do ambiente, texturas e todas as possibilidades que o material proporciona.



Figura 22: Alunos utilizando as fichas de sobreposição.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

Os alunos acharam relevante a ideia da piorra e não era do entendimento deles nem do acompanhante da SMED²⁵ que estava presente no momento da

²⁵ Periodicamente minha oficina era visitada por um acompanhante da SMED, denominado agente cultural, podendo ou não ser formado em Arte. Acompanhavam as oficinas, auxiliando na execução de projetos e solução de problemas inerentes a oficina, entre outros.

experimentação, que poderiam ser formadas cores-luz através da rotação de um objeto com coloração pré-determinadas.

O livrinho interativo despertou muito interesse nos alunos que participaram da experimentação. As expectativas foram alcançadas em relação à interação proporcionada pelo livro, pois o manipularam da forma como foi pensado. Pude perceber, então, que o conteúdo do livro foi compreendido mais facilmente devido ao fato de proporcionar a interatividade com o usuário, onde o mesmo poderá manipulá-lo e por ser divertido e criativo, aguçando assim o interesse do usuário pelo objeto.

Avaliando meus objetivos com o material didático, toda a experimentação foi muito útil, pois pude perceber que a exploração dos objetos constituídos tem muitas possibilidades de uso, mas que sem direcionamento por parte do aplicador, essas possibilidades podem ser esvaziadas, correndo o risco de se tornar somente uma experimentação rasa e sem objetivos maiores. Porém, acima de qualquer apontamento, o material já incita muitas propostas e possibilidades de ensino/aprendizagem em artes.

A primeira experimentação gerou em mim grandes expectativas quanto à segunda experimentação do material que seria com as crianças menores. Procurei trabalhar do mesmo modo como abordado na primeira turma, considerando, é claro, as diferenças de idade.

2^a EXPERIMENTAÇÃO

A 2^a experimentação (Figuras de 23 a 26) foi feita com sete alunos de idade entre 8 e 10 anos, com diferentes níveis de aprendizagem. Diferentemente da 1^a experimentação, onde os alunos estavam muito quietos e não faziam muitos comentários, nesta as crianças estavam mais agitadas e logo mais instigadas.

Durante a experimentação, um aluno, cujo desenvolvimento motor e cognitivo ainda está em fase inicial, explorou bastante o material. Na utilização das placas para sobreposição, esse aluno andou pelo espaço testando como era ver o ambiente com outra cor, incentivando assim outros alunos a repetirem o mesmo gesto. Por coincidência, essa era uma das propostas que eu havia planejado para ser executada em uma segunda oportunidade.



Figura 23: Alunos da Escola Municipal Aurélio Pires utilizando o material.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.



Figura 24: Alunos da Escola Municipal Aurélio Pires utilizando o material.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

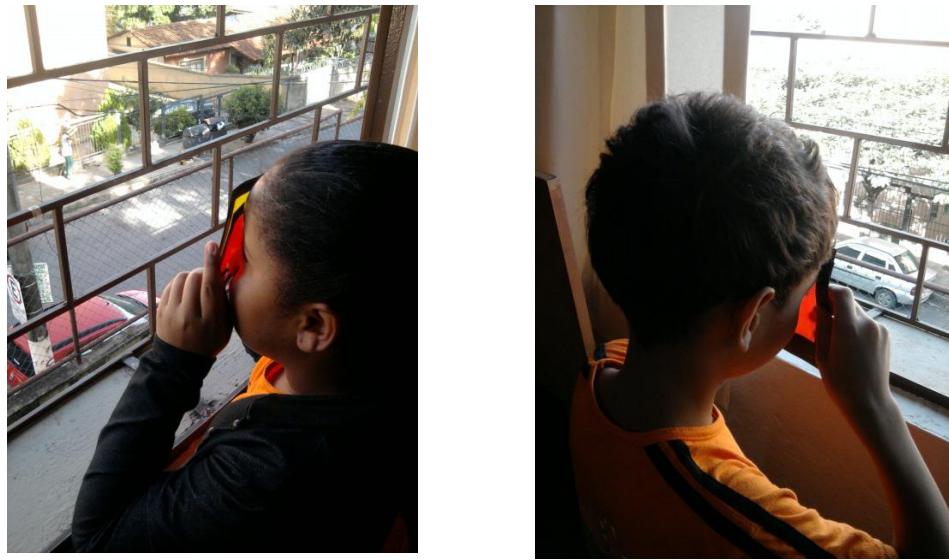


Figura 25: Alunos da Escola Municipal Aurélio Pires utilizando as fichas de sobreposição.

Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.



Figura 26: Alunos da Escola Municipal Aurélio Pires manipulando o livrinho.

Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

O material suscitou o interesse dos alunos que o manipulavam todo o tempo e somente pararam de fazê-lo quando os interrompi, propondo que construíssem algo como desenho, pintura, colagem, entre outros, utilizando o que haviam descoberto e aprendido. De todos os objetos dispostos dentro da caixa/pirâmide, os que despertaram maior interesse nos alunos foram o quebra-cabeça e a piorra.

Um ponto interessante que surgiu nessa 2ª experimentação foi o fato de as crianças fazerem as misturas de cor com as mãos (Figura 27), algo que se iniciou a partir de uma aluna, que logo foi seguida pelos demais. Achei esse acontecimento relevante, pois essa experimentação teve como foco observar as potencialidades e as possibilidades do material, com isso permiti que tal experimentação acontecesse, mas que acabou extrapolando o que eu havia planejado, pois acabaram por produzir as cores terciárias que não estavam previstas. Percebi, então, que essa formação de cores terciárias será recorrente em aplicações futuras e, devido a isso, pretendo posteriormente acrescentá-la ao material didático.



Figura 27: Mistura de tinta com as mãos.
Autoria da imagem: Dulcinara Rezende.

Ao fim da oficina fiz algumas perguntas para gerar discussão sobre as atividades executadas. Somente um dos alunos já tinha ouvido falar nas cores ciano e magenta. Relataram também que na escola só utilizavam as cores vermelho, azul e amarelo. Esse diálogo só apenas confirmou a deficiência que ocorre nas instituições de ensino quando se refere ao estudo da cor.

Outro fato que achei interessante foi que apresentei ao grupo as cores com nomes corretos e busquei incentivá-los a usar o vocabulário adequado durante a experimentação com o material. Percebi no decorrer da oficina que todos já utilizavam naturalmente os nomes das cores.

Ao final, relataram que gostaram muito de aprender as formações das cores daquela maneira e que todos os objetos que compunham o material despertavam a atenção, aguçando a curiosidade e a criatividade.

A experimentação foi longa devido ao grande interesse dos alunos. Tive assim grande dificuldade de finalizá-la. Essa resposta do grupo foi de grande incentivo para que eu possa dar continuidade ao aperfeiçoamento e experimentação do material.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve em seu processo, pesquisas, análises de aulas, mantendo sempre um vínculo com ensino de artes visuais. No primeiro capítulo fiz um relato de experiência de minhas vivências no Programa Escola Integrada e suas concepções, buscando referência de dados numéricos no IBGE e relatos da coordenação do programa. No segundo capítulo tratei da concepção e execução do referido material didático, buscando referências nas Propostas Curriculares- CBC e em artistas como Escher e Guto Lacaz. Já o terceiro capítulo tratei das aplicações do material didático e as reflexões a partir do mesmo.

Foram levantados alguns pontos e questionamentos durante a execução desse trabalho, um deles faz referência à responsabilidade do monitor de Intervenção Urbana em sair para as ruas com um grupo de alunos sem supervisão e ajuda de outrem.

Outro ponto levantado foi em relação à relevância da estada no Programa Escola Integrada no período da graduação, tendo importância relevante no que se tratou de levar os conteúdos aprendidos em sala de aula para o ambiente escolar, descobrir uma melhor maneira de lidar com os problemas. E o mais considerável a ser citado, a capacidade que desenvolvi de perceber que havia algo errado com a oficina em relação aos conteúdos e as técnicas de arte, tomando uma medida para sua melhoria.

A possibilidade de desenvolver e aplicar o material didático produzido na graduação foi outro ponto de grande importância, favorecendo assim o transito de informações e experimentações entre graduando e campo de trabalho, como no meu caso, para aluno da habilitação de Licenciatura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. *Escola Integrada de Belo Horizonte educa e socializa*. Portal do professor. Disponível em:
<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=515>>
Acesso em: 28-4-2012

BLASIS, E. de [eT.al] Vários autores. *Tendências para a educação integral*. São Paulo: Fundação Itaú Social – CENPEC, 2011. Disponível em:
<<http://cenpec.org.br/biblioteca/educacao/producoes-cenpec/tendencias-para-educacao-integral>> Acesso em: 28-4-2012

CAMPBELL, B. e TERÇA-NADA!, M. *Intervalo Respiro Pequenos deslocamentos: Ações poéticas do Poro*. São Paulo: Radical Livros, 2011. 192p.

Contraturno - Disponível em:
<<http://www.gazetadopovo.com.br/ensino/conteudo.phtml?id=969629&tit=Contraturno-e-outra-opcao-que-atrae-interessados>> Acesso em: 24-01-13

Correio Democrático. Disponível em:
<<http://www.correiodemocratico.com.br/2011/01/05/numero-de-escolas-integradas-cresce-156-em-belo-horizonte/>> Acesso em: 23-10-2012.

Dicionário Michaelis. Disponível em:
<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=estere%F3tipo>> Acesso em: 23-10- 2012.

DISNEY, W.. *Branca de Neve e os sete anões- Hora do jantar*. Ed. Manole. 1ª edição. 10p.

Encyclopédia Itaú Cultural Artes visuais. Disponível em:
<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/encyclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=8882> Acesso em: 08-4-2012.

Flanêur - Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v12n1/v12n1a02.pdf>>
Acesso em: 20-8-2013.

IBGE:

<<http://www.ibge.gov.br/municesportes/dados.php?tab=b121&codmun=0620&uf=31&descricao=Belo%20Horizonte>> Acesso em: 23-10-2012

JACQUER, P. B. *Apologia da deriva* - Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Ed. Casa da palavra, 2003. 160p. ,II.

LANIER, V. *Devolvendo Arte a Arte-Educação*. Revista Ar'te (1984)

Livro Flicts - Disponível em: <http://www.slideshare.net/laraCrissiumal/ziraldo-flicts-ilustrado> Acesso em: 10-5-2012.

MEIRA, V. *Retrospectiva Escola Integrada Maria das Neves*. Escola Municipal Maria das Neves, 2011. Disponível em: <<http://emmnpbh.blogspot.com.br/2011/02/em-2010-escola-integrada-fez-e.html>> Acesso em: 15-4-2012

PEDROSA, I. *O Universo da Cor*. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2004. 160p. II.

PEDROSA, I. *Da cor à cor inexistente*. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2009. 10ª edição. 219p.

Proposta Curricular- CBC- Arte - Disponível em:
http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.aspx?&usr=pub&id_projeto=27&id_objeto=38680&id_pai=38679&tipo=txg&n1=&n2=Proposta%20Curricular%20-%20CBC&n3=Fundamental%20-%206%C2%B0ao%209%C2%BA&n4=Arte&b=s&ordem=campo3&cp=fc5e36&cb=mar. Acesso em: 15-4-2012.

TAUSZ, B. *A linguagem das cores*. Ed. Centro de Pesquisa de Arte, 1976. 60p.

Vários autores. *Trespass - História da arte urbana não encomendada*. Ed. Taschen. 2010. 1ª edição. 318p.

Vários autores. *Comunidade Integrada: A cidade para as crianças aprenderem*. São Paulo: Ed: Totum SP Produções Gráficas, 2008. 54p.
